

Elisa C

Este texto é uma transcrição literal da intervenção da Rachel Donders, na AGI, em Agosto de 1988, no Tiltenberg, na Holanda. Respondendo a um pedido do Grupo de Trabalho da AGI, a Rachel conta, em linguagem coloquial, a sua experiência pessoal.

O GRAAL - UMA COMUNIDADE DE FÉ : PASSADO, PRESENTE

E FUTURO

Hoje tenho a oportunidade de vos apresentar o meu ponto de vista, muito pessoal, sobre o Graal como comunidade de fé, no passado, no presente e no futuro.

Embora deva confessar que estou um pouco nervosa (fico sempre nervosa face a uma grande audiência), sinto, ao mesmo tempo, uma certa confiança: sei que tenho, como todas vós, um certo conhecimento do Graal. Disse, de propósito, "como todas vós" porque há uma igualdade entre nós que é muitíssimo valiosa. Mas há também uma variedade na igualdade e uma variedade no conhecimento. Li, já há muito tempo (não me lembro onde, mas retive a ideia), que há duas espécies de conhecimentos (até pode ser de São Tomás de Aquino). Na vida, há um CONHECIMENTO DO AMANHECER e um CONHECIMENTO DO ENTARDECER. Pode parecer um pouco poético mas tenho a certeza que percebem o que se pretende dizer. Há uma tonalidade no que se sabe depois de uma longa experiência que é diferente da luz que brilha no início.

Neste momento, em relação ao Graal, o meu conhecimento é um conhecimento do entardecer que partilho, naturalmente, com um certo número de pessoas da minha idade.

Já tive, também, em relação ao Graal, um CONHECIMENTO do AMANHECER. Retorno, por isso, a 1930, a Outubro de 1930. Tinha, então, 19 anos e encontrei o Graal nas pessoas de Lydwine van Kerlsbergen, Mia van der Kallen e Lioba Pen. Uma noite, vieram as três à cidade onde eu vivia (Alkmaar, a cerca de 45 km daqui) falar sobre um movimento de juventude que estava a começar na diocese de Haarlem. Este encontro fora organizado pela Dé Groothuizen, que estava envolvida em trabalho com jovens de Alkmaar, e eu fui convidada por uma amiga.

55
18

Fiquei imediatamente fascinada por estas pessoas tão interessantes, tão especiais, tão jovens também (a Lydwine tinha então 24 anos e era encantadora!), mas também fiquei fascinada pela perspectiva que abriam à minha vida. Tudo era visto a uma luz diferente, ou melhor, era como eu tivesse dado meia volta e visse uma nova paisagem. Foi como uma experiência de conversão!

O meu encontro com o Graal, logo nessa primeira noite, abriu-me para uma nova dimensão de fé. Naquela altura, não teria usado este termo mas, agora, o meu conhecimento do entardecer dá-lhe esse nome. No entanto, vou tentar, daqui para o futuro, utilizar tanto quanto possível termos daquela época.

Era a mesma fé em que eu tinha sido educada, mas a nova dimensão deu-me uma visão completamente nova do mundo que me rodeava, do tempo a que eu pertencia, e de mim como mulher e, naturalmente, das outras mulheres também.

Uma das coisas que achei mais maravilhosas era que isto não era expresso em termos teológicos, mas integrado no simbolismo da Lenda do Graal. Havia Percival, o "louco puro", que tinha que vagar até que conseguisse fazer a pergunta certa sobre a compaixão, que era o seu serviço especial! Havia a Mesa Redonda, a comunidade em redor da Taça. Havia a Pomba descendo dos céus uma vez por ano, pairando sobre o cálice. Havia a demanda dos que acreditavam e partiam à procura dessa coisa mística, esse Mistério que traria felicidade e paz a um mundo em trevas.

Era tudo muito misterioso e muito claro! "O Graal é uma luta em comum para alcançar um bem superior e mais profundamente espiritual."

Apaixonei-me por isto. Apaixonei-me mesmo! A minha vida tornou-se tão rica: de repente, havia tanto para pensar, para aprender, para descobrir; havia tanta gente nova para encontrar e encontrar a um nível profundo. E havia decisões a tomar. De facto, encontrava-me em face de uma grande decisão para a minha vida.

Desculpem-me por estar a ser tão pessoal, mas é talvez a parte mais profunda do meu conhecimento do amanhecer e sinto que tenho que a partilhar convosco. Como estão a ver, eu estava mesmo num ponto crucial. Mesmo antes de encontrar o Graal, andava a pensar, muito hesitantemente, em entrar numa ordem religiosa, em entrar no Carmelo. Ainda não tinha dado muitos passos, mas já tinha feito uma visita ao convento do Carmelo, em Egmond (também perto daqui!) e já tinha falado uma vez com um padre sobre esta questão.

Na base desse "pensamento" (não posso chamá-lo desejo, era só um pensamento!) estava, naturalmente, a forma como eu entendia a religião, as minhas noções religiosas. Resumia-se nisto: o mundo é um lugar perigoso, mau, onde tudo é vaidade, cheio de tentações, onde, na verdade, tudo é nada. O melhor a fazer é deixá-lo, voltarmo-nos só para Deus, desistir heroicamente de tudo, deixar o mundo e deixar este "tempo", não nos envolvendo mais nos acontecimentos do mundo, mas entrar numa perspectiva escatológica expiando os pecados da humanidade e os nossos, seguindo a Cristo, negando-nos a nós mesmos, fazendo penitência e oração, especialmente orações para a conversão dos pecadores.

Era isto, mais ou menos, o que eu pensava.

Mas encontrar o Graal deu-me uma perspectiva diferente. Deu-me, para começar, uma nova visão de fé sobre o mundo. O mundo não era só pecado, tentação e maldade. Ser-se atraído pelo mundo não era, necessariamente, mau. Tinha que se olhar o mundo como criação de um Deus de amor, cheio da presença de Deus: "O Espírito do Senhor encheu a terra inteira!" Podia-se amar o mundo e comprometer-nos com ele sem escrúpulos. Havia, certamente, pecado e maldade, mas podiam ser conquistados pelo que se chamava então um extremismo de religiosidade no mundo, mais tarde explicado como um extremismo de fé, um extremismo de esperança e um extremismo de amor. Que desafio!

Havia uma nova visão de fé sobre o tempo presente. Era verdade que os tempos eram maus. Não se esqueçam que era o período depois da Primeira Guerra Mundial, depois da grande Revolução Russa e uma época de profunda depressão económica e social, como ainda hoje são conhecidos os anos Trinta. Contudo, uma visão de fé sobre a história ensinava-nos que tinha havido épocas em que aconteceram mudanças, por exemplo, a primeira era cristã com o seu fervor religioso. E o século vinte seria um período destes! Mais tarde, aprendi a expressão "vivemos num cotovelo do tempo", um ponto de viragem: o mundo e a humanidade podiam tomar uma direcção diferente, uma direcção para Deus.

A terceira grande inspiração era a visão de fé no papel da mulher no mundo e no tempo presentes. "Ir em direcção a Deus" podia vir a ser uma realidade devido a uma nova força que então surgia - a influência das mulheres cristãs - se estas mulheres estivessem bem formadas e organizadas.

Tudo isto era fascinante e criava uma visão totalmente nova. E assim: decidi ficar no mundo e no tempo, e aderi ao Graal!

(Fim do primeiro ponto: o meu encontro com o Graal. O que se segue é um pouco mais de aprofundamento e articulação.)

Fui recebida oficialmente como membro do Movimento de Juventude do Graal em Janeiro de 1931, numa cerimónia no centro do Graal em Haarlem, com mais cerca de 20 líderes locais, e aí fiz a minha primeira promessa no Graal.

Não me lembro exactamente do que prometi, mas sei que era uma resposta, um aceitar de uma grande ideia formulada pelo cardeal Newman: "Cada pessoa é criada por Deus para Lhe render um serviço especial." A vida de cada uma de nós é um serviço único que mais ninguém pode fazer por nós. Acreditar num chamamento pessoal para servir no Plano de Deus dava-nos, naturalmente, uma tremenda consciência de nós próprias, uma visão de fé sobre a própria pessoa e tornava-nos humildes e gratas. Também nos dava um sentido de responsabilidade pela vida de cada uma de nós e pelo mundo à nossa volta. Isto tudo profundamente relacionado com a oração que se tornou a oração do Graal por excelência:

"Senhor, deixa-me crescer para ser
Aquilo a que me destinaste."

Esta espiritualidade, ou espírito Graal, não era uma coisa individual. Aprendemos a vivê-lo em comunidade e a expressá-lo em comunidade, especialmente nas grandes representações de massas ou encenações que o Graal produziu naqueles anos. De um modo especial, a representação de

Pentecostes, em 1932, foi uma grande celebração, uma celebração do Espírito, o Espírito Santo enchendo a terra inteira, o Espírito de amor. Aprendi aí e então o poder do amor e o papel feminino do Espírito Santo. Era como se dizia: "o papel feminino do Espírito Santo" - em 1932! E aprendemos a dar testemunho disto na nossa vida quotidiana. A peça de Santa Liduína, em 1933, como que era o celebrar da visão de fé Graal sobre a mulher, a sua capacidade em dar-se, o chamamento de Deus, o potencial das mulheres, a sua luta, a sua influência espiritual, tudo isso estava presente na pessoa da jovem Liduína e na história da sua vida de dádiva total.

Do meu conhecimento do amanhecer, penso que posso dizer que, nestes primeiros anos, as nossas vidas, as vidas de milhares de raparigas e mulheres jovens estavam centradas em Deus.

Podem perguntar: não estavam particularmente centradas em CRISTO?? E com respeito à Igreja e ao seu lugar na espiritualidade Graal??

Tentei, enquanto preparava esta intervenção, colocar este ponto no lugar certo. Em qualquer caso, é o meu ponto de vista e a minha experiência pessoal que eu aqui estou a dar. Para outras, a ênfase pode ter sido diferente.

Vejamos primeiro a nossa devoção a Jesus Cristo. Talvez fosse porque todos os membros eram católicos que, espiritualmente, a dimensão de Cristo nas nossas vidas era um adquirido. Todos os Centros do Graal tinham uma capela com o Santíssimo Sacramento, onde rezávamos durante horas (!); as líderes e todas as que pudessem iam à Missa diariamente; a vida sacramental era um dado. O desenvolvimento e o aprofundamento disto veio mais tarde, como havemos de ver. Mas, no entanto, neste primeiro período, nestes primeiros anos, havia um aspecto particular da mensagem de Jesus Cristo a que se dava uma ênfase muito especial e que se resumia numa palavra: a Cruz.

Em 1931, no Estádio de Amsterdão, realizou-se o primeiro festival de massas, que se chamava, como provavelmente sabem, "O Caminho Real da Santa Cruz". A mensagem central deste coro falado, representado por 3.000 raparigas, era: o caminho para a felicidade é levar a nossa cruz de cada dia. A ênfase está no caminho, a via, o meio. "Quando levas a tua cruz, é a cruz que te leva", dizia-se. No meio do estádio, erguia-se uma enorme cruz preta como símbolo do sofrimento redentor. Mas sabíamos que Cristo tinha retirado a amargura da cruz; o que ficava era a ALEGRIA por sabermos o caminho. Para nós era a cruz radiosa, e todos os bons membros do Graal partiam a levar a cruz na sua vida quotidiana em espírito de alegria.

Aprendemos que foi pela cruz que a VIDA veio ao mundo. A parábola da semente que cai à terra, morrendo na escuridão e dando fruto a cem por cento, era um dos temas favoritos. Não devíamos fugir da mortificação e da doação; pelo contrário, eram estes os meios, queridos por Deus, para a conversão do mundo.

Pronto! Aqui está a famosa expressão que ainda não tinha sido mencionada. E, no entanto, pertence ao nosso "Graal primitivo", à primeiríssima linguagem original.

O que queríamos dizer ao falar da "conversão do mundo"? Que, a dada altura, toda a gente se tornaria católica?? Talvez fosse o que algumas de nós, em certo momento, pensássemos ingenuamente. Mas não imagino que alguma vez pensássemos a sério em contar os convertidos ou em fazer estatísticas! Era muito mais um acreditar firme que Deus tinha um PLANO para este tempo e que tínhamos que tentar entrar nesse plano e ajudar a que ele se realizasse, amando, servindo e dando-nos. E dando testemunho da felicidade que daí advinha. O Plano de Deus! Estávamos completamente fascinadas por ele! Lembro-me de ver um membro do Graal sair do quarto radiante. Dirigiu-se-me: "Sabes, Rachel, Deus tem um plano! Deus tem um plano!" Estava tão encantada que não podia deixar de repetir isto. (Provavelmente, tinha estado a meditar com um livro de Marmion, "Cristo, a Vida da Alma", que estava na moda nessa altura. Eu também adorei esse livro.)

E tínhamos que dar testemunho da nossa fé neste plano de Deus. Todas as grandes representações de massas eram testemunhos pessoais. As raparigas e mulheres jovens representavam o que tinham praticado na vida diária, interiorizando valores e virtudes. Queríamos atrair pessoas para a descoberta da alegria e isso levaria à conversão do mundo - ou, como se dizia algumas vezes, "a viragem da humanidade em direcção a Deus".

Dávamos testemunho não só na vida de todos os dias, em casa, na profissão, no trabalho, ou nas grandes representações de massas, mas também desfilávamos pelas ruas e íamos de bicicleta a aldeias, parávamos nas esquinas e nas praças, desfaldando os nossos estandartes e proclamando em coros falados que o mundo se ia converter e Deus triunfaria! Os fins de semana eram um tempo privilegiado para dar testemunho que acreditávamos no Plano de Deus!

Uma nota pessoal: Como a minha mãe sofreu com isto tudo!

Isto leva-me a outro ponto. Como devem compreender, tudo isto colidia com a atmosfera da época que exigia, sobretudo das mulheres, modéstia, moderação, conservar-se em último lugar, ir à igreja sossegadamente, com a cabeça coberta, e aí ouvir e fazer o que nos diziam com respeito à moral, às preocupações sociais e até à política. Franzia-se o sobrolho a tudo o que fosse um pouco radical ou extremista, pensando-se logo que estava nas raias da anarquia ou da revolução. E ao ver o radicalismo do início do Graal, a minha mãe e muitas pessoas da sua geração devem ter-se perguntado, meio-deseesperadas, "De onde vem tudo isto? Quem é o responsável por isto tudo?" Bem, eu também me perguntava o mesmo muitas vezes!

Durante algum tempo, pensei que todas as ideias vinham directamente do Espírito Santo para as Mulheres de Nazaré. Afinal, era, em especial, quando voltavam dos encontros no Tiltenberg que começavam novas campanhas e tudo o que era novo. Nessa altura, o Tiltenberg era um "jardim fechado", completamente fechado, na verdade. Ninguém podia lá entrar, nem sequer padres - só bispos! Era o território exclusivo das Mulheres de Nazaré. (Meio a brincar, meio a criticar, um padre desta diocese chamou uma vez a este lugar "de godinnen hemmel" - "o céu das deusas"! Estava já muito adiantado para a época, não acham??)

Só mais tarde, quando eu própria me juntei às Mulheres de Nazaré, em 1933, é que descobri que era o Padre van Ginneken, que eu sabia que

era o fundador das Mulheres de Nazaré, que dava muitas ideias para o Graal. No entanto, eram as mulheres que trabalhavam essas ideias e as concretizavam. Insisto em dizer que o Padre van Ginneken foi o fundador das Mulheres de Nazaré e é o inspirador do Graal. Por que é que insisto tanto nisto?

É porque quero marcar bem o facto do Graal ser um movimento de mulheres, mesmo um movimento de mulheres jovens, de que elas próprias eram as responsáveis.

O Padre van Ginneken pode ter dado ideias inspiradoras (por exemplo: as grandes representações de massas, a conquista do estádio ou das ruas!); pode ter formado, no sentido espiritual, as primeiras mulheres de Nazaré num espírito de oração profundamente apostólico. No entanto, o tornar estas ideias em realidade criativa nas vidas de milhares de jovens, isso era feito por mulheres, sob a sua própria e inteira responsabilidade e a que só davam contas ao bispo. Sei isto por experiência própria, pois conheci essas primeiras líderes maravilhosas.

Havia Mia van der Kallen com a sua criatividade artística e o seu calor humano, fazendo a união entre todas. Havia Lydwine van Kersbergen com a sua enorme acuidade intelectual, o seu talento para falar e organizar. Yvonne Bosch van Drakestein com um temperamento heroico, a primeira a deixar a Holanda e a começar o Graal noutra país (em Inglaterra) juntamente com Lydwine van Kersbergen. Deborah (Judith) Bouman com o seu amor à terra e às mulheres rurais. Martha van Zelst e a sua preocupação com as raparigas operárias. Ifis Seijbel e o seu profundo espírito de serviço e a sua tenacidade em levar todas as tarefas até ao fim. Joan Overboss com os seus luminosos olhos verdes e a sua maneira tão especial de falar quando queria alguma coisa. E ainda, muito importante, Marguerite van Gilse, a primeira superiora das Mulheres de Nazaré, um verdadeiro polo de unidade e de senso comum.

Conhecendo pessoas como estas não é difícil de acreditar que as mulheres podiam ser a nova força, para Deus, na Igreja e no mundo, nem era difícil de prever o tempo em que seriam desfeitas as estruturas do poder patriarcal. Já então aprendíamos matérias tão significativas como o matriarcado e o patriarcado, as sociedades matrilineares, estudávamos as grandes mulheres da Bíblia, da cristandade primitiva e de toda a história, as mulheres como um poder para o bem mas também para o mal (como a maldosa grande imperatriz da China, no começo do século - retratada num filme recente). Todas estas histórias e exemplos davam-nos coragem. E era bem preciso ter coragem para fazer face às dificuldades e críticas como novo movimento na Igreja.

A relação do Graal do início com a Igreja: não é um assunto fácil. Deixem-me dizer simplesmente que, nesses primeiros anos, enquanto a relação com o Bispo era de grande confiança e compreensão, a nível paroquial era, sobretudo, uma questão de emancipação.

Procurei no Dicionário Oxford o significado de emancipação. Diz assim: libertar de incapacidades legais ou de restrições intelectuais, morais ou sociais. Contudo, segue-se uma definição mais interessante. No Direito Romano, emancipação significa "libertar uma criança ou mulher do poder do 'pater familias'"! (O "pater familias" era a cabeça masculina da família.)

Hoje, e já com o meu conhecimento do entardecer, podemos olhar retrospectivamente a emancipação dos leigos na igreja como um fenómeno geral desde 1921, com a Encíclica "Ubi Arcano Dei". Mas, digo-vos que não havia nada de "geral" relativamente à emancipação em 1930-31-32. A nível local, era uma luta muito concreta e, algumas vezes, até bastante mesquinha.

Muitos dos "pater familias" mais pequenos, nas paróquias, estavam a ficar alarmados. Queriam conservar os filhos sob as suas asas. E muitos "directores espirituais" ficavam horrorizados ao ver como o seu monopólio e as suas prerrogativas tremiam. Mulheres a dirigir mulheres, mesmo na "vida espiritual", seria ortodoxo? Poderia estar correcto?

E então aquela lenda do Graal! Um mito! Até cheirava a heresia! (É verdade que o Movimento de Juventude do Graal foi, uma vez, acusado de heresia!)

No entanto, sobrevivemos! Podem perguntar: como?

Relativamente à nossa sobrevivência e aceitação na Igreja, foi, de certo, graças ao enorme apoio e compreensão dos nossos bispos do Graal. O Bispo Aengement nesta diocese, o Arcebispo Schreiber de Berlim, o Bispo Dwyer e o Arcebispo Kelly na Austrália, o Cardeal Bourne em Inglaterra e, mais tarde, o Arcebispo McDonald de Edinburgo. Acolheram e apoiaram a ideia das mulheres tomarem responsabilidade na Igreja.

Mas não foi só na Igreja que fomos criticadas; também tivemos dificuldades a nível social. Vou tocar aqui numa qualidade característica do Graal que teve um papel especial nestes começos e que me parece ser também muito importante nos dias de hoje. É esta: O Graal sabia exactamente como captar as novas correntes e direcções importantes na sociedade, como ter sensibilidade a valores de vida apresentados de nova maneira ou, dito de outra maneira: desde o início, o Graal mostrou uma enorme sensibilidade aos desafios do tempo. Para mim, isto tem a ver com a Fé, fé no trabalho do Espírito Santo no mundo.

Três exemplos, do começo dos anos 30, do que acabei de dizer:

1. Em toda a Europa, os jovens surgem e encontram-se numa procura idealista de uma vida nova, baseada em novos valores. Foi o tempo da revolução Socialista e o fim da era burguesa. O Graal agarrou esse momento com um movimento de juventude.
2. Na Holanda, os católicos estavam a passar por um período de emancipação legal e social, depois de séculos de discriminação e repressão. Fora um processo moroso e bastante escondido. Havia agora a necessidade de aparecer publicamente e de demonstrar a alegria e o orgulho de se ser católico. O Graal apanhou esse momento com um movimento de testemunho.
3. As mulheres na Europa Ocidental estavam em vias de entrarem em diferentes campos da sociedade. E, para além disso, no Congresso Internacional de Berlim, em 1929, fez-se a seguinte declaração: "Chegou o tempo em que a mulher deve deixar a sua marca e a sua influência no

no curso dos acontecimentos do mundo, e deve fazê-lo como mulher, utilizando as suas qualidades de mulher." O Graal agarrou esse momento com um movimento de mulheres convictas.

Agora, que estamos na ponta da lança de uma nova corrente, encontramos resistência e críticas. Li, recentemente, em "A Vinda da Terceira Igreja", de Buhlman: "Qualquer movimento é, inevitavelmente, acompanhado por fadiga, fricção e resistência." Bem, sobre a fadiga não sei muito, mas sei bem o que é resistência. Os conservadores, os anti-feministas, os anti-socialistas, os católicos amedrontados, os embaasbacados do século 19, todos esses tinham alguma coisa a dizer contra o Graal e contra a sua aparência muitas vezes provocadora. Uma vez, éramos criticadas e ridicularizadas na imprensa; outras vezes, fomos discriminadas no trabalho; houve ainda dificuldades com membros das nossas famílias; houve incompreensões sobre o significado dos métodos do Graal, etc.

E como ultrapassamos isto? Como sobrevivemos?

Só tenho uma resposta: pela confiança e amor mútuos e pela liderança. A nossa unidade era uma coisa preciosa. E não pensem que acontecia facilmente: éramos um grupo bastante diversificado. Lembrem-se que o Movimento de Juventude do Graal era para todas as jovens da diocese, envolvendo muitas raparigas: as que, com a escolaridade básica, começavam a trabalhar aos 14 anos em fábricas e oficinas, assim como as raparigas das zonas rurais que trabalhavam a terra (ainda estou a ver a Mechtild van Langen, toda orgulhosa, sentada num arado!) e raparigas da cidade empregadas em lojas e escritórios. Também havia as estudantes das escolas secundárias e das universidades, havia mulheres profissionais, artistas e professoras, secretárias, donas de casa, assistentes sociais (este curso acabava de aparecer - as primeiras Escolas de Serviço Social começaram, na Holanda, nos anos 30). Muitas destas jovens estavam envolvidas, a nível local, na formação de grupos de jovens, encontros nos centros do Graal, mas TODAS sabiam que eram membros do movimento.

Como é que chegámos a ter este laço, esta unidade entre nós que nos impulsionava? Penso que é porque tínhamos confiança umas nas outras. E a base dessa confiança era sabermos que cada uma de nós (qualquer que fosse a posição na vida, ou a educação ou tendência) estava a tentar dar a Deus o seu serviço especial, que cada uma de nós rezava "Senhor, faz-me crescer para ser aquilo a que me destinaste", que cada uma de nós lutava por um bem superior e mais profundamente espiritual, escondido no futuro e que ia sendo descoberto aos poucos, passo a passo.

Era a esta luz que nos olhávamos mutuamente. Esta confiança, este cerrar de fileiras no pior e no melhor, com os olhos voltados para aquele bem superior e profundamente espiritual na distância do tempo, isso é uma das coisas mais bonitas que a luz do meu "conhecimento do amanhecer" ilumina.

* * * * *

E agora, como passámos deste princípio bastante simples para uma Assembleia Geral Internacional como a que estamos a viver neste momento? Essa é a história do crescimento, do desenvolvimento de um movimento de juventude, diocesano, feminino para um movimento internacional de mulheres adultas, a trabalhar em muitos países, em campos diferentes.

O normal teria sido que este movimento de juventude fizesse o seu percurso durante um certo número de anos, digamos dez ou doze, e depois se institucionalizasse. Ou, nestas circunstâncias históricas, podia ter desaparecido totalmente, esmagado sob as botas do regime nazi (1940-45, na Holanda) para nunca mais reviver. Foi isto o que aconteceu a vários grupos e movimentos aqui na Europa Ocidental. Não aconteceu ao Graal! Porquê? Qual é o segredo da nossa sobrevivência e desenvolvimento?

Parece haver qualquer coisa na raiz do Graal, neste começo dos começos que tentei descrever aqui, que, tal como foi, garantiu o seu desenvolvimento.

Uma razão, quanto a mim, é que desde o início o Graal esteve voltado para o mundo, para o mundo inteiro. E de forma muito concreta! Na verdade, se queremos trabalhar, concretamente, para a conversão do mundo, não podemos ficar numa diocese. Assim, logo nos primeiros anos (1932, 1933, 1936), as nossas primeiras líderes partiram para países diferentes: Inglaterra, Alemanha, Austrália, (Indonésia, mesmo antes destes, mas é uma história ainda mais antiga), e depois, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial ser declarada, os Estados Unidos da América. E todo o movimento estava interessado nesta aventura e apoiava-a com orações, sacrifícios, estudos e contactos e todas se sentiam corresponsáveis. Se isso não tivesse acontecido, se estes grandes passos não tivessem sido dados nestes anos do início, estou convencida que não estaríamos hoje sentadas aqui! Mais tarde, houve um novo alargar muito mais amplo, sobretudo nos anos cinquenta, e isso também está relacionado com o facto do Graal olhar o mundo como território nosso e considerarmos a expansão e a mobilidade como características do movimento!

Mas esta visão do mundo não é a única causa de "nós" estarmos aqui e agora. Há um outro elemento que conta. Nesses primeiros anos, o foco foi, necessariamente e de modo muito forte, sobre a educação; a educação, a formação de raparigas e de mulheres jovens num espírito profundamente cristão. Afinal, o Graal nasceu como um movimento de JUVENTUDE e também a Inglaterra, a Austrália e a Alemanha tiveram o seu período de movimento de JUVENTUDE do Graal, com estandartes e uniformes coloridos, representações de massas e tudo o mais.

Mas, naturalmente, não se fica sempre jovem, não se tem 19 anos toda a vida! E assim, gradualmente, começámo-nos a ver como mulheres com responsabilidades na sociedade. Fomos mulheres jovens que passaram por um período de formação (e o mesmo aconteceu em Tay Creggan, na Austrália e em Grailville, nos E.U.A., etc) e que mantiveram o contacto depois de casadas ou de assumirem outras responsabilidades, procurando em conjunto uma vida adulta com sentido. A consciência, fomentada pelo Graal, do nosso potencial como mulheres era uma força impulsionadora e assim o Graal cresceu de um movimento de juventude para um movimento de mulheres, fiéis às aspirações originais.

E, no entanto, isto não explica tudo. Há ainda um terceiro elemento. Não é só a visão Graal original sobre o mundo, não é só a visão Graal sobre o papel das mulheres, há uma terceira força que nos impulsionou desde o princípio: esta força, já mencionada, é a sensibilidade às correntes do tempo ou, dito de forma diferente, a resposta, de um sentir interior, aos desafios do tempo.

E esse TEMPO é o maravilhoso e terrível século vinte. Sobre isto, vou falar na parte seguinte.

Acaba aqui o meu conhecimento do amanhecer!

2ª Parte: O SÉCULO XX E O GRAAL

Tal como afirmei atrás, este século é muito especial - magnífico e terrível! Ao olhar para todos vós aqui nesta sala, apercebo-me de que, em termos humanos, todas poderão chegar ao Século XX - faltam apenas 12 anos. Não tenho tanto a certeza quanto às minhas possibilidades. No entanto, por vezes, ou mesmo muitas vezes, proclamo que realmente gostaria muito de viver até ao ano 2000 ou 2001 - nessa altura terei 90 anos e para toda a eternidade a minha morada no tempo será o século XXI. E creio que ficarei grata por isso para toda a eternidade.

Durante a minha infância havia ainda um sopro da atmosfera do século XIX. (Como sabem, os historiadores costumam colocar a transição na I Guerra Mundial, 1914). A minha infância foi época de muita segurança, muito sólida, muito provinciana, muito protegida, Victoriana, tradicional, com um grande espírito de classe, individualista, burguesa - e bastante enfadonha! (Pelo menos era o que eu pensava!) Sinto-me agradecida por essa época por que, primeiro, me fez apreciar muito mais as transformações partindo da minha experiência pessoal. E também porque deve ter contribuído para uma sensação de segurança interior que pareço ter. Seja como for, vamos agora percorrer este período com botas de sete léguas.

Olhemos primeiro para o período que vai do início do Graal até meados dos anos 60, 1935-1965. Posso apenas mencionar algumas das correntes e fenómenos mais importantes, já que tenho de ser breve. Por isso, o que vou apresentar pode parecer superficial já que na vida real estas correntes tiveram grande influência. Por favor, tenham isto presente. Tudo isto requer um estudo muito mais apurado, mas isso ficará a vosso encargo, talvez mais tarde. Esses 30 anos foram, como já mencionei, um período do aparecimento do:

1.- Socialismo, com a sua mensagem de fraternidade universal e de igualdade de todos os homens. Isso tocou-nos e contribuiu para a nossa convicção de que uma "nova humanidade" estava a surgir.

Havia também um passo mais à frente, a utopia do Comunismo, com o seu apaixonado movimento de juventude da época, o "Konsomol". O P. van Ginneken estudou-o de uma forma especial. O que nos desafiava era a tendência deste movimento para o radicalismo. "Só uma entrega radical transformará o mundo." Sentíamos-nos desafiadas a sobrepormos à sua rejeição da religião, ao seu ateísmo (como sabem, Karl Marx chamou à religião o "ópio do povo") o nosso extremismo de religiosidade. O Graal tinha que ser excessivo, radical.

2.- Um segundo ponto: esta foi uma época em que se verificou um enorme desenvolvimento das comunicações à escala mundial. A aviação diminuiu as distâncias entre os hemisférios; a imprensa mundial, a rádio e, um pouco mais tarde, a televisão, começaram a trazer todas as notícias, todos os acontecimentos, todas as ideias do leste e do Ocidente para dentro das nossas salas de estar.

Isto foi, talvez, não tanto um desafio à nossa religiosidade, mas um fortalecimento da nossa esperança numa unidade planetária, consequência da velocidade com que as ideias se espalhavam por toda a parte. E tornou possível a expansão do Graal noutros países.

3.- A emancipação das mulheres, após o primeiro período, algo selvagem, das sufragistas, tornou-se mais ou menos um facto aceite. A entrada das mulheres no ensino superior, na indústria, no comércio, na vida pública, come -

çou a ser considerada como um facto consumado. Isso significou que o Graal pode desenvolver-se e apresentou-se como um movimento de mulheres e começou a ser considerado como tal.

Juntamente com isto, era necessário um estudo mais aprofundado da psicologia das mulheres, do papel das mulheres nesta época, tinha que ser criada uma filosofia feminina e o Graal tentou também estar à altura do desafio.

Poderia também referir o aparecimento de novas escolas de psicologia, de Freud, de Jung, Adler, Reichert. Não é que eu saiba referir influências específicas que estas escolas tenham exercido sobre o Graal nessa época, mas, decerto, noções como os de "arquétipos" e a influência do subconsciente foram-se infiltrando e deveriam produzir resultados mais tarde.

4.- A 11 Guerra Mundial, 1940-45, marcou o Graal de forma muito especial. Na Alemanha e na Holanda, o Graal teve que entrar na clandestinidade e as participantes, ao mesmo tempo que tentaram manter-se vivas (literalmente) tinham que, de alguma forma, provar que a sua religiosidade, a sua fé, a sua esperança, e especialmente o seu amor, eram genuínos.

Simultaneamente, noutras partes do mundo - Austrália, Inglaterra e Escócia, os E.U.A. - as mulheres do Graal foram forçadas a agir por si próprias, a desenvolverem-se sozinhas, respondendo à situação nesses países sem o contacto inspirador com a "casa-mãe". Poderão ler sobre este assunto na publicação "A História do Graal Internacional". Faço referência a isto apenas como um período de aprofundamento especial do espírito, aprofundamento esse que nos foi imposto pelas circunstâncias.

5.- A guerra termina em seguida, depois de ter custado a vida a milhões de pessoas através dos combates, da inanição e do Holocausto; depois de ter devastado a Europa, terminou com o terrível acontecimento da bomba atómica em Hiroshima e Nagasaki. Para muitas pessoas, assim como para mim, a importância deste acontecimento não pode ser sobestimada. Foi a passagem de uma fronteira, a abertura para possibilidades que, até então, tinham sido inimagináveis, e talvez ainda o sejam. Mais uma vez não posso dizer que naquele momento este acontecimento tenha influenciado directamente a vida quotidiana do Graal, ou a sua existência ou expansão, mas lançou o mundo inteiro num novo rumo e por conseguinte o Graal também.

E agora o último ponto que quero mencionar ao falar sobre os grandes acontecimentos destes 30 anos.

6.- O grande processo de descolonização nos anos a seguir à guerra; a independência, algo repentina, da Indonésia e da Índia, e dos países africanos; o nascimento de novas nações e também o regresso dos judeus de uma diáspora de 2000 anos à sua terra prometida - tudo tem de ser referido aqui. Tudo isto teve de facto um significado para o Graal! A possibilidade do crescimento de entidades Graal genuínas no contexto da sua própria vida livre e independente: e isso aconteceu, como podemos ver aqui à volta nesta sala!

Ligado a isto está o facto da Igreja nesta época ter gradualmente começado a perder o seu carácter de "Igreja do Ocidente" e de se poder tornar numa "Igreja planetária". Referindo este facto, estou já a entrar numa série de correntes e acontecimentos, nomeadamente aqueles que tiveram lugar na Igreja, no mundo cristão, durante estes mesmos 30 anos.

De novo, não quero ir para além de 1960-65, por enquanto. O que aconteceu na Igreja e de que forma é que isso afectou o crescimento do Graal? Mais uma vez seleccionarei seis pontos (são seis por acaso). Deixem-me mencioná-los de forma breve. Nos 30 anos que vão de 1935 a 1965 assistimos no mundo cristão a:

1.- Um novo conceito de Igreja, isto é, a Igreja como "Corpo Místico de Cristo" e, um pouco mais tarde, como "Povo de Deus em peregrinação no mundo". Nesse contexto encarávamos o Graal como "uma célula do Corpo Místico de Cris

to" ou como uma das "tribos que constituem o Povo de Deus".

2.- O acordar e atingir da maioria dos leigos na Igreja, resultando deste facto num grande número de grupos e movimentos, entre os quais o Graal tomou um lugar especial.

3.- O movimento litúrgico com um Guardini e um Pius Parsch, grande - mente apreciados no Graal (falarei mais sobre este assunto, mais adiante).

4.- O movimento bíblico dando-nos uma nova perspetivação sobre as raízes do cristianismo e o início de uma tomada de consciência sobre o "Mistério de Israel".

5.- O início de uma renovação teológica, levada a efeito por pessoas como Dietrich Bonhoeffer (executado pela Gestapo) através do seu "o mundo está a atingir a maioria" e a sua ideia de "pertencemos verdadeiramente ao mundo; Rudolf Bultman com a sua desmistificação, isto é, uma interpretação da mensagem cristã de forma a que pudesse tornar-se uma fé "com a qual se pudesse viver no século XX"; Paul Tillich que escreveu com tanta perspicácia sobre a insegurança e alienação moderna e sobre "Deus como fundamento do nosso ser", "a nossa inquietação final"; Teilhard de Chardin com a sua explanação científico-tecnológica sobre o aparecimento da Vida e o aparecimento do espírito, com o seu "Ponto Omega" e o "Interior e o Exterior". Como nós, aquelas que vivemos aquele período, nos deleitámos com estas visões e percepções!

Por fim, tenho que mencionar aqui ...

6.- O Movimento Ecoménico entre as diferentes denominações cristãs, o qual está ainda a crescer actualmente.

Não me posso demorar em cada um destes pontos. Uma coisa que quero dizer, no entanto, é que esta evolução na vida da Igreja foi um enriquecimento para o Graal, um enriquecimento da vida das participantes individuais e que, simultaneamente, de toda esta riqueza o Graal não só recebeu, mas também deu. Ocupámos um lugar nestas correntes estimulámo-las através do nosso interesse e de uma dedicação de vida. A palavra preferida neste período era busca: busca de Deus, busca do Reino, busca da felicidade da humanidade, busca de si própria, da profundidade de cada uma, busca de um sentido para a vida. "Busca" era na verdade uma palavra-chave.

Gostaria agora de inserir aqui um outro ponto .

Como vêem, estou atentar descrever o desenvolvimento da história espiritual do Graal no seu conjunto; há de facto uma história global do Graal. Mas dentro desta história global, cada entidade Graal separada, cada Graal nacional desenvolve a sua vida própria, vida esta que se inicia no preciso momento histórico em que entra no todo e começa a enriquecê-lo.

Assim, enquanto todas estas correntes e ideias e elementos espirituais e teológicos influenciaram e, de certa forma, "construíram" o Graal, os processos de crescimento diferem de país para país. O ponto de convergência espiritual das várias entidades depende primeiro que tudo do carácter particular desse país, mas depende também do momento na história em que começou a compreender o Graal.

Penso que é muito diferente se conhecemos o Graal quando estava imerso no movimento litúrgico - com um ritmo de vida lindo pontuado pela oração da manhã e da tarde, com missa diária e maravilhosas celebrações do ano litúrgico, com as preparações da missa e esforços para "Restaurar o Domingo". Ou, por exemplo, se conhecemos o Graal quando dominava a ideia dos "auxiliares laicos das Missões" e se encarava a Igreja e o apostolado a partir desse ângulo, a pré-evangelização, o valor de outras culturas, o desejo de Cristo de ir ao encontro de cada pessoa na sua singularidade e o testemunho quotidiano de uma vida cristã. Ou se entrámos quando toda a gente parece

vibrar com a "busca" e nos começamos a aperceber que toda a nossa vida também tem sido e tem que ser uma busca dos valores últimos...

Talvez isto seja uma explicação da nossa pluralidade, a riqueza de ideias e ângulos à volta dos quais as nossas vidas se desenvolvem e que todas nós prezamos, embora gostemos mais de alguns do que de outros!

Outro exemplo disto é o facto da espiritualidade constituir o centro das nossas vidas. Como vos disse, nos primeiros anos, a nossa perspectiva, pelo menos como eu a vejo, tinha Deus como centro. No período de que estamos a falar agora parecemos ter-nos tornado mais centradas em Cristo. Com isto surge uma modificação na linguagem do Graal.

Tomemos, por exemplo, o desenvolvimento da ideia da "cruz". Gradualmente começamos a falar em termos mais teológicos, não através de símbolos, e os termos usados passaram a ser: o Mistério da Redenção, o Trabalho Redentor de Cristo, sacrifício, mortificação, o Sacrifício da Missa. Toda a terminologia sublinhava a entrega a partir do amor pela cruz de Cristo. Nos anos que se seguiram, no entanto, a expressão que se começou a usar foi o "Mistério Pascal", uma mudança na ênfase: não tanto a ênfase na morte, mas mais na ressurreição, numa morte que deu vida e em Jesus Cristo como vencedor da morte. Começamos a tomar parte mais profundamente, não só no sofrimento de Getsemani e de Sexta-Feira Santa, mas começamos também a celebrar de forma igualmente profunda, o Ágape de Quinta-Feira Santa e, mais tarde, a Vigília Pascal renovada, a renovação da VIDA.

Notamos que nas "Linhas de Orientação para o Graal", escritas naquela altura, os principais valores da vida espiritual do Graal são referidos como: o Mistério Pascal, a Maturidade Cristã e a Comunidade do Povo de Deus.

Não é tão interessante notar as diferenças na linguagem do Graal nas diferentes épocas?

Outros exemplos incluem "o espírito Graal", uma expressão muitas vezes usada para designar aquilo que representávamos e a forma como agiamos. Esta expressão já não é ouvida tão frequentemente agora; foi substituída, até certo ponto, se é que isto pode ser afirmado, pelo termo "dedicação" e, um pouco mais tarde (agora?) por "compromisso".

Tomemos agora o termo "conversão do mundo". Como já disse, era por vezes substituído pela expressão "voltar o mundo para Deus", mas mais tarde, num período mais centrado em Cristo e mais consciente da teologia, por "a vinda do Reino de Cristo", "trabalhar pelo Reino de Deus na terra". (Foi nesta altura que a Festa de Cristo Rei, instituída em 1925, se tornou a festa dos movimentos da Acção Católica).

Assim, conforme a altura em que entrámos para o Graal, a linguagem que aprendemos é diferente, e embora crescamos e nos transformemos com os tempos, creio que alguma coisa dessa primeira inspiração permanece. Temos que ter consciência disso para sermos capazes de crescermos, de nos transformarmos, para responder aos desafios e aberturas do Espírito.

Para mim pessoalmente essa inspiração virá sempre, embora esteja em segundo plano e raramente a repita, da expressão "lutar por um bem superior e mais profundamente espiritual".

Temos que entrar agora na última parte da história do Graal, os últimos 25 anos, durante os quais houve um desenvolvimento acelerado de ideias no mundo e na Igreja. E com isto estamos numa perspectiva de Futuro!

Para mim, quatro momentos se destacam nos últimos 25 anos:

1. O desembarque de um homem na lua, a viagem da humanidade no espaço, ou a abertura do universo mais vasto para a presença e a marca da humanidade, o desenvolvimento em nós de uma visão cósmica. Isto transforma enormemente o mundo em todos os aspectos.

2. O Concílio Vaticano III, iniciado em 1962, ou: a tentativa sincera de tornar o Cristianismo e a Igreja relevantes para o mundo actual. Este Concílio foi um acontecimento no interior da Igreja, mas foi na verdade um acontecimento para o mundo. Foi a primeira vez na história que o Conselho Ecumênico dirigiu uma mensagem ao mundo, não apenas à Igreja e aos adeptos da fé crista.

3.- O nascimento dos Movimentos de Libertação, com a criação de novos tipos de comunidades, e entre eles, claro, o movimento das mulheres. Alguém disse algures: estivemos centradas em Deus, centradas em Cristo e agora parecemos estar centradas na libertação! Uma noção para reflectirmos.

4.- O encontro e diálogo entre as grandes religiões do mundo, reconhecido e considerado por estudiosos e líderes mundiais como um momento histórico de uma enorme importância.

5.- O aparecimento e crescimento daquilo a que poderíamos chamar "Movimento em prol da Meditação". Creio que não deveríamos substituí-lo. É um momento muito importante no desenvolvimento espiritual da humanidade.

Cada um destes momentos teve, e continua a ter, uma influência profunda no Graal. Como resultado parecemos ter "virado uma esquina do conhecimento" (tirei a expressão de um dos Testemunhos de Fé, do Canadá, creio) - uma nova percepção da Igreja e do Cristianismo e de nós próprias no meio deles, em diálogo com o mundo moderno.

Que novidade é esta?

Para nós como cristãs, não se trata já de acreditar numa série de dogmas que nos chegaram através dos tempos e foram definitivamente formulados pelos patriarcas da Igreja, por S. Tomás de Aquino, dogmas esses que temos que defender a todo o custo. Pelo contrário, virámos uma esquina e queremos que a mensagem cristã tenha relevância para nós, para o intelecto e o coração moderno, agora, em novos termos, com novos ênfases, com uma nova visão, como cristãs preocupadas, não em conservar o passado, mas fascinadas pelo presente numa perspectiva de futuro.

Neste momento, de certa forma tenho pena de ter demorado tanto com o passado. Pensei quetinha de fazê-lo, sobretudo para explicar de alguma forma o que são os nossos tesouros espirituais e talvez também para clarificar um pouco mais, ou dar uma resposta aquilo que é perguntado de forma tão sagaz no Testemunho de Fé da Tanzânia: "porque razão é que outras pessoas agem como agem"!. . .

O que vos contei do passado poderá de facto ajudar a compreender porque é que outros grupos do Graal ou outras gerações entre nós "agem como agem". Mas espero que saibam que para mim, e para todas nós, não é o passado que nos impele. Eu não estou no Graal porque aderi ao movimento há muito tempo e apenas quero continuar a ser-lhe fiel!! Faço parte do Graal agora por causa desta atracção pelo futuro!

Claro que vejo que o mundo está a atravessar uma crise terrível, que podemos ter um holocausto nuclear, que nos estamos a dirigir para a destruição total do nosso planeta. Já não sou tão ingénua como era em 1930. Possuo agora um conhecimento vespertino! Mas, ao mesmotempo, sinto-me como se agora possuísse um novo conhecimento matinal, um conhecimento matinal do que está para vir, baseado numa nova dimensão da fé.

A nossa dimensão da fé. Poderão perguntar - o que é essa nova dimensão da fé? O que é a fé para si?

Vão longe os dias em que a resposta seria um cómodo recitar do Credo: "Creio em Deus Pai, todo poderoso..." (Não se preocupem, eu recito o Credo juntamente com todos os outros cristãos durante a Missa!) Mas há algo de mais profundo por baixo daquelas palavras: existe o meu eu mais profundo, a minha própria experiência.

Nos últimos anos tenho sido especialmente inspirada por duas citações que me satisfazem completamente em relação à questão: "o que é a fé para si?" Uma é de Charles Davis no seu livro "O que está vivo e o que está morto no Cristianismo hoje?". A outra é de Bernard Lonergan, um dos grandes teólogos americanos.

De Charles Davis: "A fé é a experiência de uma realidade vivida na escuridão que envolve a existência humana".

Posso aceitar isto. É uma resposta que me satisfaz. A fé não é apenas um credo, a fé é uma experiência. É a experiência de um mistério, o grande Mistério que nos rodeia e que nos habita, o Fundamento do nosso Ser, do meu ser, do vosso ser.

É uma experiência pessoal, uma experiência íntima. Integra a vida na sua globalidade. É também uma experiência universal, não particularmente cristã, mas oferecida a todos os que procuram de coração sincero. É a subcorrente de todas as grandes religiões, e mesmo da arte e da ciência. É a razão mais profunda da esperança... pois existe uma continuação. E aqui surge a minha outra citação (de Lonergan): "A Fé (essa experiência íntima do Mistério) coloca a vida humana no horizonte do Transcendente". Coloco toda a minha vida, toda a vida, numa perspectiva de futuro. Gosto muito desta imagem do horizonte! A minha vida tem um horizonte, uma visão - de no vo- o bem superior e mais profundamente espiritual da saga do Graal! E esse horizonte não é uma linha, um muro, uma nuvem nebulosa; é a abertura ao transcendente, é o mesmo Mistério que eu experimento no mais fundo do meu ser, chamando-me do Além, do Futuro. É este o "extremismo de religiosidade": tudo é absorvido pela experiência do Mistério.

É esta para mim pessoalmente a dimensão da fé neste momento. Talvez reconheçam a vossa nestas palavras, embora a exprimam de forma diferente?

No entanto, não devemos deixar de lado um ponto importante: estamos a referir-nos ao Graal como uma Comunidade de Fé. Isto parece significar que a experiência da fé não é apenas algo individual, mas que há, a partir dessa fé individual, um reconhecimento total de cada uma, uma gravitação em direcção às outras, uma partilha. Uma comunidade de fé significa, segundo eu, que partilhamos uma experiência de fé, que estamos orientadas, em conjunto, para esse horizonte. Isto pode verificar-se através de palavras, de símbolos, de acção, da celebração. E não é isso que o Graal é - uma partilha da dimensão da fé em círculos cada vez mais alargados?

Certamente que há vários níveis nos quais formamos comunidade. Há o nível existencial da nossa feminilidade, o nível prático do nosso trabalho, o nível concreto do espaço e do tempo nos quais nos encontramos com outros numa dependência mútua (nesta época, neste país). Tudo isto (e mais do que isto) pode contribuir para a construção da comunidade.

Mas, depois de ter dito tudo isto, parece-me que a dimensão da fé, a essência da fé, reconhecida mutuamente e celebrada comunitariamente, é o nosso elo mais profundo. Talvez nos tenhamos que tornar mais criativos em relação a isto e isso pode ser um verdadeiro desafio para o Graal nesta época. Usei aqui a palavra "desafio". O meu conhecimento vespertino reconheceu muitos desafios na nossa história através dos anos e isso muitas vezes implicou mudança! E gostaria de sublinhar isto. Para mim isto faz parte da natureza do Graal, faz parte da nossa identidade genuína, do nosso ser histórico: acompanhar os tempos, transformarmo-nos de acordo com as mensagens que o Espírito envia através do mundo. E peço-vos a todas, sentadas aqui como representantes - por favor tentem ser genuinamente Graal, agora e amanhã! Respondam aos desafios que estão perante nós!

Eu vejo nesta época um desafio triplo ligado à nossa orientação para o futuro.

- O primeiro, como acabei de dizer, é o desafio a construir a nossa comunidade de fé. Concretamente isto significa estar à altura da pluriformi -

dade que se faz sentir em todas as nossas expressões de fé. Mas não apenas estar à altura, ou suportá-la, ou apenas co-existir com ela, mas aceitá-la completamente e mesmo gostar que exista. O mundo inteiro é um mundo de pluralismo, que encobre uma enorme riqueza. Por que seria o Graal um bloco monoliticamente inerte? De qualquer forma, nunca poderemos voltar atrás, à uniformidade - nem no mundo, nem na Igreja, nem no Graal.

Li algures que há três formas de lidar com o pluralismo enquanto problema: através do conformismo, da co-existência e da convergência. Estarei certa ao pensar que nos situamos algures no campo da co-existência? Sentimo-nos inclinadas a pensar: "você, grupo do Graal, você, faça isso dessa maneira; nós, no nosso grupo Graal, fazemo-lo desta. Você pensa dessa forma, nós pensamos desta... As coisas são assim!" Claro que isto já é alguma coisa; primitivos umas às outras ser e pensar de forma diferente. Mas temos que ir mais longe. Tem que haver uma maior inter-acção, uma maior inter-penetração. As Redes estão nesta linha. E isso significa que há algumas grandes qualidades que temos que desenvolver: confiança e comunicação. Comunicação na confiança. É este o primeiro desafio que observo.

- O segundo é tornarmo-nos mais relevantes para o nosso tempo e para uma geração - na nossa linguagem, nas nossas estruturas, nos nossos métodos. Isto requer estudo, abertura, reflexão, partilha, novas iniciativas, novas formas. Requer criatividade nos nossos programas, nos símbolos que usamos. Não coloquemos vinho velho em odres novos... e demos uma oportunidade aos talentos criativos que existem entre nós, assim como às intrépidas!

- O terceiro desafio que vejo é a necessidade de expansão, de crescimento do Graal. Se queremos ser significativas para o mundo no próximo período (12 anos?? até ao ano 2000?) temos que tocar novas zonas, geográficas e espirituais. Também isto requererá criatividade e confiança. Temos que dar espaço aos elementos e figuras dinâmicas que temos entre nós. Não pretendo dizer que não tenham esse espaço, mas talvez possam ser mais desafiadas pela comunidade e os seus esforços possam ser mais canalizados. Temos uma Rede de Formação - por que não uma Rede ou um comité ou seja lá o que for responsável pela EXPANSÃO? Precisamos CRESCER!

Tenho que terminar.
De que forma?

Foram usadas tantas palavras; tantas vagas envolveram os nossos ouvidos e os nossos espíritos. Deixem-me pedir-vos que nos voltemos agora para dentro de nós próprias durante uns momentos; façamos silêncio em conjunto, depois de todas estas palavras. Entremos na dimensão da fé que fundamenta as nossas vidas recordando o que Meister Eckhart diz:

" NADA É TÃO SEMELHANTE A DEUS COMO O SILENCIO ".